



SEÇÃO: ENSAIOS

A poética do mar: metáfora de entrelugar na Literatura Africana

The poetics of the sea: metaphor of between-place in African Literature

Edimilson Moreira

Rodrigues¹

orcid.org/0000-0003-1404-4381

em.rodriques@ufma.br

Paulo Henrique

Carvalho dos Santos¹

orcid.org/0000-0002-4125-0888

pauloh.16@hotmail.com

Recebido em: 6/3/2020.

Aprovado em: 13/4/2020.

Publicado em: 25/2/2021.

Resumo: Este artigo pretende dialogar com a poesia africana expressa em língua portuguesa, tendo o mar como metáfora de entrelugar. E, para isso, partilhamos nossas experiências de leitores de poesia, cujo objeto versará sobre o texto como pretexto de lugar – quer seja de chegada, de partida, ou mesmo de lugar nenhum: “Este convite a toda a hora/ que o Mar nos faz para a evasão!/ Este desespero de querer partir/ e ter que ficar!” (BARBOSA, 1975, p.22), desenhando o Mar como pátria imaginária. O velejar terá, quase sempre, o desfraldar de alguns excertos das poesias que adernam, aderem, ou tangenciam o mar como poética que seja reveladora da “mesmíssima angústia [...] perto ou à distância” do sentimento do homem de África.

Palavras-chave: Mar. Poesia. Literatura Africana.

Abstract: This article intends to dialogue with African poetry expressed in the Portuguese language, with the sea as a metaphor for between-places. And, for that, we share our experiences of poetry readers, whose object will be about the text as a pretext of place - whether it is arrival, departure, or even nowhere: “This invitation at all times / that the Sea gives us it makes for evasion! / This desperation of wanting to leave / and having to stay!” ((BARBOSA, 1975, p.22), drawing the Sea as an imaginary homeland. Sailing will almost always unfold some excerpts from the poetry that list, adhere to, or touch the sea as a poetry that reveals the “very same anguish [...] near or at a distance”. Of the African being.

Keywords: Sea. Poetry. African Literature.

Introdução

As literaturas em geral e, de modo muito particular, as africanas, formulam uma poética marítima visceralmente íntima da vida do homem da África, de onde o mar surge, ora como ser de acolhida, ora como elemento do contraditório: condicionador da dominação colonialista, cúmplice do colonizador que o usou para exercer sua vilania; e nessa mediação, o mar aparece, também, como objeto de afirmação da condição social daqueles homens. Articulados, homem e mar, pela produção textual que possibilita traduzi-los como elemento de sobrevivência e esperança relacionados aos movimentos de libertação nacional. Pois, através de

Uma leitura diacrônica e atenta dos poetas africanos descobrirá (o leitor) a recorrência do tema racial que, acompanhando as etapas consecutivas do processo colonial e exibindo as caras e os disfarces mais distintos e paradoxais, aparece como uma das características mais marcantes da reação contra a dominação europeia. [...] os distintos complexos de culpa, que a interiorização de falsos valores raciais haviam engendrado, contaminaram uns e outros e o verso, enquanto esconjuração, escancara fantasmas que um perverso jogo de espelhos invertidos refletiu (DASLKALOS apud APA, 2003, p.15-16)



¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil.

O nosso trabalho pretende, portanto, rastrear em alguns excertos, a presença desse ente, o mar, no imaginário poético do homem de África, sem outra pretensão que não seja, apenas e tão somente, rastrear a presença marítima.

Deste modo, para elaborar nosso texto, neste intrincado jogo de espelhos invertidos, convocamos o verso – que reflete essa esconjuração escancarada, do poeta Eduardo White: “Felizes os homens que cantam o amor./ A eles a vontade do inexprimível/ e a forma dúbia dos oceanos” (WHITE in SAÚTE, 2004, p. 559).

Da obra *Amar sobre o Índico*, de White, tal texto será nosso primeiro, e possivelmente, todo olhar sobre a temática, convocando três palavras-chave: homens, amor e oceanos. Isso porque, os poetas africanos – usando um excerto da mesma obra e mesmo autor – são os que exercem a palavra mar/Mar, ora com maiúscula, ora com minúscula, para dizer que ela, “A palavra renova-se no poema./ Ganha cor, ganha corpo, ganha mensagem” (WHITE in SAÚTE, 2004, p. 559). E, também, por lembrarmos com Cremilda Medina (1987, p. 26-27) que: “Eduardo White quer avançar na poesia, num caminho estético em que a elaboração da linguagem seja a gênese e o apocalipse da criação”. Desse navegar, do poeta em cotejo, resultam textos marcados pela elaboração da linguagem subvertida aos ditames do escritor que incursiona fundo, de mãos dadas com a linguagem apocalíptica, como espaços de criação identitários e de Nação, pois, “[...] se se encarar o problema do ponto de vista histórico, o conceito de nação exige a apropriação da língua nacional, e o governo é enfático ao pregar a difusão da *língua oficial portuguesa* como instrumento de definição de fronteiras” (MEDINA, 1987, p. 25). E o mar demarca tais marcos: de fronteiras textuais, sociais e físicas permitindo emergir a condição de exilado do escritor africano em sua própria pátria. Isto porque ele alberga línguas, linguisticamente definidoras das diversas práticas de migração, cuja metáfora do mar define a circulação, o traslado forçado, a mobilidade, o deslocamento que força o poeta a refletir sua condição de nauta social, ilhado no continente.

Aquelas palavras-síntese – homens, amor, oceanos – surgirão, ao longo de nossa elaboração, amparadas com excertos poéticos, como apropriação da língua que hiberna na poesia africana, “gênese apocalíptica da criação”, mas, acima de tudo, poesia como instrumento que fere o tecido da linguagem, ilustra novas imagens no manto da língua, define novas maneiras de ver o mundo, com cores idiossincráticas do poeta africano que as usa, ora como mecanismo de defesa, ora tradutora de sua errância. Tais textos poéticos vincam fundo a oralidade das culturas maternas com o ensejo de ser a porta-voz – as culturas – da arte operante nos subterrâneos da linguagem. Como perluastra Secco in Döpcke (1999, p. 224):

Mar, Amor, Eros penetram o corpo da poesia, buscando imprimir vida na estética de dor que representa o imaginário fantasmagórico do país retalhado pelas lutas. Essa é uma atitude que se torna uma constante na novíssima geração da poesia moçambicana. Eduardo White, por exemplo, em seu livro de poemas intitulado *O País de Mim*, opera com uma poética do desejo, a qual busca recuperar essa desmemória produzida por um cotidiano de longas guerras (SECCO in DÖPCKE, 1999, p. 224).

E a poesia, como ente solidário, se irmana ao poeta que – destruindo as fronteiras da língua portuguesa (para melhor recepcionar as suas línguas e os seus valores culturais) busca harmonizar o homem e a sua linguagem como testemunhos da história. Tais homens têm um compromisso com a vida, ao imprimir-la como estética que resgata a dor, os traumas, os desvios, ao reviver o sonho expresso nos caminhos da libertação – via poesia – desse continente retalhado, mas cerzido pela arte literária. Arte que dispersa, semeia, com criatividade multicultural, qual o significado da diáspora, ao nomear os paradigmas da migração e da colonização que usaram o Mar como via de acesso.

Na tessitura do verso, os contornos acrobáticos são nítidos e estão recheados de metáforas que circulam à busca das direções do mar, na tentativa de situar o homem de África como cidadão do mundo, nauta de poesias, marinheiro da palavra. Assim, a primeira partida nesse mar da metáfora marítima africana, enquanto espaço navegável, buscando

ancorar "outra parte", possibilita duas visões de mundo – uma de homens consorciados à imagem de amor às terras africanas; outra, que decalca o papel central, do artista, ocupante da realidade visceral de criação do ser poeta-homem-cidadão africano. Deste modo, o mar, na poética africana é consagração de permanência do colonizador, mas também de desvio do escritor que o busca para não esquecer sua condição de artífice da palavra liberdade. Isto porque sua poesia preconiza um retorno ao território originário grafado na matriz cultural, prene de unidade e de imutabilidade.

1 Homens que cantam amor à pátria africana

É inegável que boa parte da literatura africana dos países lusófonos está alagada pelo canto de amor às terras, ao oceano, aos rios de África. O cantar é uma forma traduzível do homem de África demonstrar seu pertencimento ao mundo africano; mas cômico de que há uma fissura em seu ser. Há multidões de homens que o habitam, que navegam sua cor, hospedeiros das suas vocações, topógrafos de suas direções sempre a (re)desenhar novas rotas no mapa das identidades. Ainda que o ser diaspórico, declare: "Sou testemunho da noção geográfica que identifica as quatro estações" (RUY DUARTE *in* APA, 2003, p. 90). Nesse constructo, temos textos que são definidores das noções de sentidos e sentimentos que os definem como ilhados de suas próprias identidades, prisioneiros de sonhos sempre a viajar na "forma dúbia" dos oceanos.

As literaturas africanas estão associadas à palavra amor. Os homens que nela falam, cantam a terra como se fosse o seu habitat de segurança; é nela, na terra, que eles se identificam como seres enraizados às comunidades ancestrais. Os homens, poetas ou prosistas, declaram um amor devocional aos quimbos, machambas, rios e bairros africanos nos quais homem e terra são uma coisa só; a paisagem é desenhada como proposta indissociável do uno, porque: "afluem doces e altivos na memória filial" (CRAVEIRINHA *in* SAÚTE, 2004, p. 73). Desse excerto de "Hino à minha terra", podemos entender que quando

o poeta africano fala da sua terra, ela é a coroa dessa moeda que o tem como o outro lado, ou seja, ambos afluem concatenados, irmanados, "doces e altivos", justapostos ao pertencimento – "filial" – em todas as línguas dos colonizadores.

En los escritores africanos, el posible conflicto entre la lengua materna y la del colonizador se plantea más bien en lo relativo al paso de la oralidad a la escritura, ya que las potencialidades de la palabra oral tienen que plegarse a las reglas del código escrito; además los géneros literarios occidentales son categorizados de manera totalmente diferente a como hace la tradición africana, en la que el tejido discursivo entrama mitos y poesía, relatos y proverbios, aventuras y cantos rituales, adivinanzas y epopeyas. La palabra está investida de un poder mágico y sagrado que desaparece en cuanto queda atrapada por la grafía (MORALES, 1997, p. 15).

Eles, os homens-poetas, primeiramente, se solidarizam a terra. Ela é objeto de prazer e o prazer do objeto que, como eles, é expropriada, vilipendiada em exaustão. E, por isso, são os que cantam e entoam versos de amor, mas também de denúncia. Aqueles são os herdeiros da denúncia solícita de Patraquim *in* Secco (1987) – "As pessoas demitiram-se de si mesmas./ E é preciso de novo cantar o amor/". Ao cantar a flora e a fauna do universo africano, o homem assume um compromisso fraterno – elevar a natureza à categoria do maravilhoso, entoando amor a ela. E, ao elevar a essa categoria, os acidentes geográficos se irmanam a todos os homens que cantam a sua terra como ser prosopopáico, mas também, como ente de criação e de invencionice, de denúncia social e geográfica.

Há, em muitos poetas, a ideia de terra, enquanto espaço matricial, lugar habitável, cenários aconchegantes de onde os homens podem albergar. Condizente às relações maternas, o filho-poeta a descreve como ser da fartura, mas também como corpo que é violado a cada nova estação. Ao cantar a terra explorada, o homem veste as lágrimas, desnuda sua fala e planta sementes de desespero. A terra é, pois, o *lócus* privilegiado do diálogo que se expressa em testemunho. No entanto, vale o enunciado de Morales (1997, p. 24): "Desde luego que estos cambios no se han producidos en todos los sectores ni en

todos los estratos; pero la literatura refleja bien las mutaciones de esas sociedades".

O homem africano sabe que através do aconchego da terra, ele de novo canta o amor telúrico gestado no interior das tradições, da família, aquele solidarizado com a força dos rios, aquele que entende as estações como ato certo de vida plena, de respeito ao homem que dela se alimenta de saber e sabor.

Felizes são, pois, neste manto geográfico, não só o homem, mas a própria natureza que surge protegida pela pena do vate. O poeta, em alguns instantes, apresenta bela, rica, ampla e aprazível. Noutra, apresenta-a personificada como ente de revolta, de desprazer.

Neste espaço geográfico há uma cartografia que a desenha no entrelugar do ser africano,ilhado no continente ou nas ilhas; mas, acima de tudo,ilhado em sua própria condição de homem que canta o amor a terra. Entendendo entrelugar como aquele no qual o poeta é ser fulcral da diáspora, da deriva, da circulação, do nomadismo, do percurso cuja errância emana em todos os "espaços provisórios", nos quais ele habita, com variações da magia das palavras imaginários de memórias e de memórias de imaginários coletivos.

Seres feridos pela argúcia do colonizador que os fragmenta: ele e ela seres de entre dois. Dois mundos, duas condições – uma social e outra geográfica. "Ese allá es el que sus padres les hicieron respirar en el espacio familiar – las tradiciones y costumbres de la tierra de origen – y que se acentua en los verdaderos *ghettos* de su nuevo domicilio" (MORALES, 1997, p. 25).

Ambos, homem e terra, solícitos de amparos perceptíveis pela voz que declara: "E eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade" (MANUEL RUI in MEDINA, 1987, p. 309). Nesta relação indissociável o poeta não se distancia nem do texto "oraturizado", nem da terra que a enlaça na condição de ser multicultural. Ambos – homem desertado de si mesmo, e a terra, lugar desertificado pela condição geográfica que a redesenha segundo as regras do colonizador– traduzem os traumas e as fraturas. "A través de las letras, estos

pueblos interrogan al imaginario, tanto pasado como presente, sobre cuya base se asienta su realidad cultural" (MORALES, 1997, p. 23). Assim, o homem, ser social cômico de sua condição diaspórica, eleva a terra a lugares desertificados, pela fome do capital, à categoria de mãrias, presentes nos textos que cotejam as donas de prazos do Zambeze, com suas políticas imperiais e estratégias sociais idiossincráticas. Habitante longínquo de sua pátria, que não se identifica com a pátria que o alberga, o escritor permite a circulação de ideias, com deslocamentos e mobilidades culturais, na língua nativa. É, assim, um estrangeiro, resiliente em espaços geográficos artificializados pelos acordos e tratados. Os homens que cantam, que relatam, são os que nos convidam a incursionar o interior das paisagens e a interiorizar as paisagens como elementos de vida.

Amar a terra africana é declarar um canto de amor profundamente concatenado à vida. E, essa é toda ela entrelaçada à epiderme do homem: "vida-verde". Ela, a terra, é o sustentáculo de vida-verde: esperança de dias melhores que brotam da natureza, sobre o manto azul que se molda à forma do onírico que a deseja viva. Verde enquanto cor que simboliza o oceano Índico e azul para o Atlântico – eis uma das dualidades do oceano que desde a cor, determina o longe e o próximo, a metáfora do antípoda do estrangeiro, o exótico, desde seu entrelugar nas entranhas da língua do colonizador, a portuguesa. Essa é, em muitos momentos, decalcada pelas línguas nativas. Uma visão interessante das questões de entre dois, entrelugar, está na citação seguinte, de Morales (1997):

La imagen del *aillers* (del estar "en otra parte") deseable, deseado, añorado, que en diferentes tonos domina parte de la literatura magrebi y la llamada literatura de la emigración. La colonización trajo como consecuencia inevitable la confrontación entre dos visiones del mundo: un "aquí" doloroso, oprimido y asfixiante, frente a un "allá" idealizado e investido de todo el poder y que, por fuerza, ejerce una atracción irresistible. Consumado el exilio, cuando el emigrado se instala en el "allá", se ve defraudado por una realidad cruda y desmitificada, y el "aquí" de antes se convierte en el "allá" añorado; en tales condiciones, el desgarramiento se vuelve más lacerante, pero la mirada también se torna más lúcida frente a las carencias de los dos mundos (MORALES, 1997, p. 24-25).

Quando o vate declara seu amor à terra ele a declara como parte indissociável do humano. A geografia que se desenha na epiderme do homem é a mesma que o destina a convencer o leitor de que a terra é um espaço de acolhimento, de devoção e de condicionantes sociais. Somente porque o homem é feliz quando cantao amor. Com ou sem os mitos, mas com a certeza de que é dela que ele sente o fulgor de sua natureza, criando, assim, novos ritos, sabores, e cores como símbolos de liberdade que aduz o antanho, lembremos do título de Craveirinha – *Karingana wa karingana*.

Deste modo, podemos afirmar que através da poesia, como texto ou pretexto intermediário, o homem de África manifesta os processos de reescritura da vida *in natura*, dele como sujeito, e dela, a natureza, como ente que o recebe e o alimenta, tanto metaforicamente quanto em sua realidade de fonte de vida.

Alimento de palavra é o canto do homem africano, palavra que o alimenta é a que liberta o texto cômico de seu estar no mundo, como declarando: "a pátria de que escrevo/ é esse dilacerado coração". O amor a terra é um canto de certeza, e, ao mesmo tempo, a incerteza do canto que não é só de amor: "A mãe beijou a pólvora/ no sorriso morto do filho" (SAÚTE, 2004, p. 596).

Dito isso, podemos afirmar que o poeta que canta o amor à terra africana, desenvolve manifestações de uma cartela de cores diversas, as quais colorem as infinitas contribuições. A arte literária é exemplo de que o homem africano deixa colorir-se por contribuições várias, mas as cores que denunciam são sempre as da condição de ilhado, de transportando pelas condicionantes: sociais, históricas e culturais. Mas, no meio do caminho, o texto, cuja resultante estética é rico de metáforas que não se adaptam à realidade de cantar o amor com o olhar romântico ocidental.

O ser africano transforma seu discurso erudito em efetivo instrumento de delação social e geográfica. "Felizes os homens que cantam o amor". Porque a eles corresponde pensar o amor como texto de identidades, como certificação em processo contínuo à natureza, humana e geográfica, como busca constante de identidades do homem

africano que se irmana à flora e à fauna: "por raízes de suor", elementos indissociáveis de sua origem.

"No obstante, más allá de las evidentes convergencias pasadas y presentes, entre las literaturas del norte y del sur de África existen infinidad de matices que no pueden considerarse de manera apresurada y simplista" (MORALES, 1997, p. 13). É o que pretendemos ao longo deste trabalho, apresentar este diálogo intertextual entre os poetas, do Sul e do Norte, dos países africanos. Tais infinitudes de matizes estão para lá das questões e tipologias poéticas, estão presentes, também, ao longo de muitos contos e romances; neles a narrativa do amor, da terra e do mar estão consorciadas pelo artefato cultural que os une e os alberga em segurança: o texto literário.

2 O mar: forma dúbia que dilacera incólume o homem de África

No limiar do texto, na fronteira entre o eu e o outro – o mar... ou como diz o excerto do poeta Eduardo White (in Saúte, 2004, p. 559) "a eles [os homens] a vontade inexplicável e a forma dúbia dos oceanos". O homem de África canta também os oceanos – Índico e Atlântico, dois universos aquáticos, quase hercúleos ante as manifestações do literário; com suas formas duplicadas: amor e ódio, exílio e "inxílio", partida e chegada, espaço de conquista e de apropriação.

Paralelo às discussões sobre a pátria, o amor e o homem de África, temos algo importantíssimo para pensar a literatura africana: a poética do mar. É essencial compreendermos o mar como "forma dúbia" para o ser africano, assim como para muitos outros de quaisquer continentes. No entanto, para o africano o mar participa desse viver coletivo. Ele traz as marcas, os traumas, que se articulam sobre a tênue linha da memória.

O mar se apresenta nesse paradoxo entre o real e o ficcional, entre história dos fatos e os fatos que se fazem história nas narrativas poéticas. Tudo em profunda relação com o sofrimento, a dor e a violação dos direitos humanos que depositam no mar suas impressões testemunhais permitindo à poesia ser cúmplice das denúncias da condição de ser colonizado.

A literatura sobre o mar se compõe assim, como testemunho inesgotável e, também, como fonte de formas de construções discursivas que inserem o mar como *corpus* privilegiado de estudos sobre o Sul e o Norte, Índico e Atlântico, Eu e o Outro. O que permite, melhor, possibilita, compreender o poeta africano como aquele que se declara “sou mensageiro das identidades/ de que se forja a fala de silêncio, (RUY DUARTE DE CARVALHO in APA, 2003, p. 90).

Importa ressaltar que essas produções são tra-dutoras da relação íntima do mar com o homem. A poética revela um íntimo estado de sentimentos entre ambos. O mensageiro é, portanto, construtor de identidades, e, ao mesmo tempo, rompe o silêncio para gritar em alarde a condição social, ou seja, o ambiente marítimo como espaço de escrita geradora da carta náutica da memória – “todo o mar é uma lembrança” (JORGE VELLA in SAÚTE, 2004, p. 194). Dessa lembrança, podemos afirmar que mensagem e mensageiro se forjam na fala que é exalada no manto do mar. A mensagem-metáfora da garrafa vai navegando por outras pátrias, adentrando outras nações para declarar que o poeta africano é cômico de sua produção resultando em instrumento de rebeldia.

E ele, o mensageiro, compõe estes destroços, faz parte destes “acidentes” e mistérios de que o mar é testemunha. Ele é o personagem emblemático que assiste e participa, na sua “forma dúbia”, da dilatação de sonhos que são sufocados pelo desejo de libertação.

Como aduz Jorge Barbeitos (in ANDRADE, 1975, p. 21), o mar nos doa esta representação cênica: “O drama do Mar,/ o desassossego do Mar,/ sempre/ sempre/ dentro de nós”. Nessa dualidade dos oceanos, o mar comparece como convidado sempre, ao banquete do verbo. São solicitados para que juntos, homem e mar, “na espiral de um sonho”, (CRAVEIRINHA in MEDINA, 1987, p. 306) possam adejar ilhas mais seguras e tranquilas. O mar, os oceanos são entes da ficção que se friccionam como seres da revolta. Norte e Sul, Atlântico e Índico, duas faces de um sonho, e, da esperança, como posta na fala de Barbeitos (in Apa, 2003, p. 82): “A Sul do Sonho a

Norte da esperança”. O Sul é tangido qual uma litanias de revolta, pelas cordas que o fazem vibrar em rebeldia e desespero. Sul aduz o sentido e a perspectiva do colonizador que flutua nos mares à busca da presa. Norte como retrato da esperança revelada em preto e branco, mas que, infelizmente, o que se observa ao longo do processo de colonização é o vermelho que umedece o solo, fazendo romper os diques de emoção que coalham as tragédias humanas, emasculam os desejos e amputam as esperanças que se declaram: “de Joelhos/ invocarei a raiva de Moisés/ para rasgar novos mares vermelhos...” (MANUEL LOPES in MEDINA, 1987, p. 443), que jorra das garras, como sangue, dos abutres do Sul, e é gotejado, em palavras, pelos homens de cultura do Norte, que na esperança de outros ventos, desenham barcos como poemas. E esses são velejados pelos imaginários de outras construções, de outras solidificações. Os poemas flutuam com asas como velas a romper “os verdes panos/ (em) esqueléticas e frias mãos” (MANUEL LOPES in MEDINA, 1987, p. 443) – denunciadoras, as velas, de medos e desenganos. Mas que semeiam certezas e obstinações – como mensagens – imantadas nas bandeiras que identificam o ser humilde da poesia africana que sabe de sua condição de artífice da fala: “Nada sei/ e o que presumo/ emudeceu/ de perfeição” (DAVID MESTRE in MEDINA, 1987, p. 370).

A África está assim, percebida pela contradição da dor, poucas alegrias, raros prazeres e escassas conquistas. Eis porque o poeta canta aos quatro ventos: “ai o mar/ que nos dilata sonhos e sufoca desejos” (JORGE BARBOSA in ANDRADE, 1975, p. 19). Os poetas são, portanto, a bússola (que guia o continente à letra tradutora do saber filial dos homens da terra) imantada em liberdade. Dois oceanos que o dilatam, duas palavras que o sufocam e que justificam nossa incursão no mar da metáfora de África marítima: sonhos-desejos... dois poetas que sulcaram o solo da praia, para que, com suas âncoras fixassem a esperança: Barbosa e Barbeitos. E, como equilíbrio, na triunidade do verbo: Eduardo White com sua delação – “a forma dúbia dos oceanos”.

Os oceanos são, pois, um espaço de criação literária que se adere ao constructo da imaginação do homem para declarar com ênfase – “o drama do mar”. Encenado no “palco líquido” que o condiciona, rasgando as ondas, a desfaldar novas personagens confirmantes de que as quilhas das naus trazem armas sublimadas a acentuar os fossos sociais.

O drama da dor e o desassossego da Nação africana, vêm içados pelos ventos tangenciando outras melodias. Essas ficarão em ritmo de nênias, a cortar visceralmente corpo e alma do homem do Norte. As tatuagens da dor, aparentes ou internas, vão ressoar no corpo do poema como *locus* de abrigo, como dilacerado ser que se biparte entre o açoite que, dúbia e constante, vai cantar a canção de agruras, tendo “o corpo da terra e maresia” (ARMANDO ARTUR in SAÚTE, 2004, p. 549), como fermento do grande ventre das culturas de África.

Para Manuel Rui (in MEDINA, 1987, p. 291), a pátria, o Norte e o Sul se multiplicam nesse roteiro de bordo da escrita libertária – “De palavras novas também se faz país/ neste país tão feito de poemas”, a palavra habita, destarte, o país que abre velas sobre o manto do texto com pretexto de declarar a paz, como palavra sempre nova que compõe os países da África. A reflexão da palavra como eixo de orientação que rasga as convenções do colonizador que destrói fronteiras únicas, diante de todas as adversidades históricas, enfim, faz países... Eis, a única razão de todo poeta crer na força do texto - “É fértil este tempo de palavras” (RUI in MEDINA, 1987, p. 291), nas quais elas dilatam as margens do saber, plantando sementes para colher texto-alimento.

Neste campo da machamba africana, terra e mares são viscerais e estruturantes na simbólica de revolta, cuja palavra é derramada como desassossego do nauta, artífice da poesia do mar – “nas longas noites da ilha quando escrevo os meus versos/ e sinto o rumor do mar” (JORGE BARBOSA in MEDINA, 1987, p. 459). Desde esses excertos, observamos a sempre recorrente metáfora do Mar. Daí a vocação, do poeta de África, de contar para não olvidar, de não esquecer para costurar sua formação identitária. O mar como

espaço do inexplicável. Ele, o oceano, é símbolo de conquista; é o coração da metáfora, sinédoque da diáspora, trazendo o “entre dois”. Dois universos que se traduzem pelo inexplicável – Norte e Sul. As linhas geográficas demarcam o corpo do ser africano e o ser africano como corpora de novas marcas, pela cartografia dos navios que velejavam os dois oceanos. Declaradores da dualidade diaspórica – América e Ásia. Denunciadores do que Arlindo Barbeitos define como “a sul do sonho, a norte da esperança”.

O mar dilacera incólume, o ser africano ao ser lançado nos porões dos navios. Eles, os navios, são determinantes para que os poetas compreendam o mar nessa dupla acepção: fonte de alimento e aliciamento. Local imagético de prazer e de descobertas, montra de vida ao possibilitar o fruto do mar, e, ao mesmo tempo, cenário de contrabando de homens como mercadorias estocadas nos navios: armazéns da trágica tatuagem que não se borra, não se apaga. Os oceanos, estradas imaginárias, tecidas em espumas, estão sinalizadas com suor e sal, matéria de alimento, ao olhar do africano. Noutra acepção da dualidade, os oceanos são estradas de ferro forjadas com o sal do africano. O manto do mar é caixa de estoque, armazém de ideias, fundo de reservas que a “mais valia” proporciona ao olhar do europeu. Fonte de vida para uns e falta de vida para muitos. Isto porque, os homens de África não estavam preparados para receber esses abutres que vieram flutuando sobre as ondas. O ser africano “não soube/ deflagrar o furacão/ e arrastar para o fundo dos mares/ as caravelas europeias” (MARCELINO DOS SANTOS in MEDINA, 1987, p. 141).

Para o escritor africano sobra, pois, o oceano como manto de tristeza e de decepção. Não significa dizer que o poeta e o colonizador entendem o mar com instrumentos diferentes, mas com o mesmo instrumento, a palavra, só que com características diferentes. Para aquele o mar é declarante de uma acepção nostálgica e, para o colonizador, o mar é visto como instrumento de dominação, imposto pelas travessias.

O mar, delator de dores e frustrações, repositório de decepção, farol luminescente da violên-

cia, habitat de partida e de chegada. Castrando vontades, silenciando vozes, sepultando ideais, o europeu chega e hiberna décadas o pensamento e a fala do africano que ressoa, no pós-colonial, como fruta que se serve madura, ao banquete da leitura – poesia/ liberdade! Duas faces que refletem as dualidades de conquistas, a luta pelo verbo, o verbo que se fez luta; livre para escrever e não esquecer, escrever livre para não morrer sem escrever, outra forma de colonização, desta vez, do objeto impresso que, só aparentemente, liberta a saber oral que fora silenciado por décadas. O epigono africano ciente de seu pertencimento ao *Pantheon* da arte, pode, através da palavra, expô-la no tabuleiro da vida, pode sepultar o Ele e ressuscitar o Nós que se incrustou na memória milenar de quem se sabe Poeta, desde os tempos imemoriais: o Homem de África, o Criador que triunfa imbatível no manto do texto, oral!

Nesse símbolo emblemático da contradição, o mar mata e unifica. Essa realidade é construída pelo poeta africano de quaisquer países de expressão portuguesa. Isto porque a vontade do inexplicável é explicado nos emblemas literários captados em textos poéticos como estes – “Ah! o mar é vasto, no entanto, aqui nos fala/ sim, fala-nos interiormente/ E nós compreendemos a sua língua:/ É uma língua que se entende” (ANTÔNIO BATICÃ FERREIRA in APA, 2003, p. 182).

O poeta, intérprete dessa língua a entrega na carta náutica ao leitor ao aclimatá-la nos dois polos – Norte e Sul – a dualidade enigmática de divisão do pensamento que exala textos em contextos diversos. Para o colonizado o mar fala “uma língua” antípoda a do colonizador. E o colonizado fala muitas línguas, e ainda que antípodas, ele as compreende desde a leitura do mar como interpretação de mundos que se deixam “falar” interiormente. E isto só é possível, naquele “reino onde nomear é ser”, ou seja, no da poesia (PAZ, 1982, p. 129).

Reino no qual o homem de África, em diálogo com o mar, é o vate que declara: “[...] posso transmitir ao poeta escritor o pensamento a partir do qual ele transformará as palavras em texto” (MANUEL RUI in MEDINA, 1987, p. 309).

O mar, pois, é esse outro que fala da busca e da reinvenção da identidade, na terceira margem dos oceanos – o espaço de manifestação da natureza à escrita. Ambos, escrita e natureza, tal qual o poeta africano, estão nessa zona cultural de fronteiras.

O texto resulta, pois, híbrido pela necessidade desse jogo simbólico de onde o homem africano, pós-colonial, é habitante das “planícies da ausência/ a escalar os montes de tempo/ que não vives” (ARMANDO ARTUR in APA, 2003, p. 237).

O mar, nesta criação híbrida, é para o africano no plano social da representação geográfica e linguística, e no plano da arte, imaginário e metafórico, resultante da forma “dúbia dos oceanos”.

Com a alegria da chegada para alguns e a tristeza de partida para muitos, o mar é, portanto, o abrigo de falas dos que se encontram sempre ilhados, mas no centro do que é percebido como sinônimo dual da distopia. Os oceanos são assim, representantes indissociáveis, do objeto onde o ser alberga, a identidade como “Naufrágio: “Ai este Atlântico triste/ que nos deu a nostalgia/ dum mundo que só existe/ no sonho que ele povoou...” (JORGE BARBOSA in APA, 2003, p. 130).

A tristeza do mar é exemplo dessa dualidade que consubstancia o homem da África como ser habitante de provisórios. São improvisados os pontos, são fluidos os textos do colonizador, são efêmeros os bens ofertados, são superficiais as ofertas legadas pelo colonizador. Mas são eternos os testamentos do colonizado, como fotografias impressas na memória, porque os oceanos permitiram a chegada dos antípodas – que trouxeram “a dúbia forma dos oceanos”, aqui demarcado pelo poeta Arlindo Barbeitos: “A minha pátria/ é um órfão/ baloiçando de muletas/ ao tambor das bombas” (ARLINDO BARBEITOS in APA, 2003, p. 82).

São marcas dos colonizadores que deixaram, como herança, esse cenário degradante, que o escritor da poética do mar nos entrega como testamento de sua arte da palavra que se transforma em testemunho: “os grandes predadores/ escorregaram lisamente pelas ondas cada vez mais longe” (JÚLIO CARRILHO in SAÚTE, 2004, p. 434).

Pensar a literatura africana como *lócus* de “identidades como identificações em curso” pela

poética do mar é o que nos move neste processo de escrita, ainda que recorrente com exaustivas citações. Os textos são reflexos de outros nos quais há uma busca constante de autodefinição das identidades de origens, posto serem elas mesmas, pistas linguísticas do fenômeno de colonização.

Os textos aqui selecionados são expressões do homem africano que se sente à margem entre Sul e Norte, na fronteira entre o "líquido palco" onde o ator é cúmplice fugaz da representação que têm ele mesmo como personagem: o Mar.

As relações de identidades do homem de África se ancoram em uma força expressiva entre a memória consentida e a que hiberna na criação do autor-personagem como expressão de quem conta para não esquecer. Resultante de uma base oral que se adere no texto com a hibridez do artefato literário: antípoda aos padrões ocidentais. A experiência de culturas híbridas, díspares, por vez, resultou reelaborações textuais com substratos ancestrais em devir com a língua portuguesa que é "colonizada" com novos sentidos e étimos do colonizado. Há, portanto, dupla violência simbólica no corpo da escrita – uma do ser africano e outra da língua que se molda às línguas nativas, armazenando imagens linguísticas do Outro.

Não é mais, portanto, novidade, depois desta travessia, que o poeta de África tem o mar como parte indissociável de sua poética. Mar é poética de acertos que certos vão ao alvo do ser leitor. Esse com ou sem entendimento imediato da "vontade do inexplicável". Isto porque "a forma dúbia dos oceanos" deixa velejar esse ser dual que é o poeta. Consciente de que o mar é irmão, no grande estuário da criação, do ser multicultural que é o africano. Eis porque solicita: "Perdoa ó meu país ao Oceano/ se ele permitiu às ondas/ baloiçarem os abutres/ que vieram sugar a seiva/ do teu coração" (MARCELINO DOS SANTOS in MEDINA, 1987, p. 142). Eis a singular poesia africana de cariz social, política, mas também, geográfica pela insistência do poeta em inserir os territórios africanos como espaços de cultura, de saber e de história. São modalidades de expressão cultural, cuja capacidade é a de albergar a identidade em metamorfose com a língua.

Essas expressões são, portanto,

A inclusão da variedade dos agentes produtores de situações, que finalmente moldam todos segundo as circunstâncias individuais, respeita as complexidades dos países que se repartem entre o Índico e o Atlântico e usam o idioma comum (DÁSKALOS apud APA, 2003, p. 13).

E, ainda, há nessas escrituras, a comum intencionalidade literária para dizer da poética do mar como denúncia contra o racismo imanente, quer seja o praticado por dominação externa ou interna, patente, em quase todos os produtos culturais desse vasto continente. Posto que, ao homem ou ao substrato de sua identidade, a língua que o identifica, serve como instrumento de luta; pois, ele declara – "eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. Se o fizer deixo de ser eu e fico outro, aliás, como o outro quer" (MANUEL RUI in MEDINA, 1987, p. 309).

E nós, como parceiros, qual sujeitos concatenados ao texto filial – mar, vamos adejando por aqui, na companhia da memória destes excertos que foram cerzidos na vela-nau-texto como "panfleto [...] na dialética do verbo" (RUI NOGAR in MEDINA, 1987, p. 127), que se conjuga com a poesia africana em sentimentos ronga, macua, suaíli, manjati, expressos em português. Pois, o mesmo poeta Rui declara que o texto tem que se manter assim oraturizado e oraturante, na travessia do mar, acrescentamos.

Considerações finais

Desta incursão, no mar da poesia africana, afirmamos que o poeta é o "Eu naufrago/ que não se permite afogado" (WHITE in SAÚTE, 2004, p. 559). Está sempre amparado pela tábua de salvação que é o texto literário. A literatura é cúmplice dessa grande travessia. A literatura é e permite a travessia. É, pois, o texto literário, um ato de tradução de sentimentos, de vontades e de desejos de albergar, nele mesmo, mudanças sociais. Isto porque, o vate, é um ser que canta em alto e bom tom sua condição de ser consciente das agruras sociais: "Ergo a minha voz/ e firo o tecto do silêncio" (TONY TECHEKA in SECCO, 1987), e ao ferir o teto do silêncio, o sujeito do texto rom-

pe com um silêncio armazenado nos porões da memória. Sua vocação é a mesmíssima, quer se expresse em português, quer em espanhol, ou francês, isso porque o poeta rompe o cerco da antítese do colonizador que não permite a originalidade "Deixando nos olhos dos que ficaram/ a nostalgia resignada de países distantes" que imprimem as melodias de Sereias confirmantes do "cântico/ Estranho do Atlântico,/Que se não cala em nós!" (JORGE BARBOSA in ANDRADE, 1975, p. 24,25), mas repercute na voz-canção do poeta que, como todo ser que trabalha a palavra, usa do poder da metáfora para declarar, ao colonizador: "Teremos que esperar que se decante no teu líquido palco o som dos remos" (JÚLIO CARRILHO in SAÚTE, 2004, p. 434). Este artigo pretendeu demonstrar o valor documental da poesia africana, umedecida na poética do mar. Incursionando primeiro no excerto de Eduardo White: "Felizes os homens que cantam o amor./ A eles a vontade do inexprimível/ e a forma dúbia dos oceanos" (WHITE in SAÚTE, 2004, p. 559). Portanto, como todo escritor é membro da sociedade, podemos estudá-lo como um ser social do entrelugar, ser portador de experiências e de influências diversas que se refletem no ato de suas criações. A literatura africana de língua portuguesa, como espaço privilegiado da memória é social cúmplice solidária, do ser poeta, ao doar-se em expressões e liberdades tipológicas. E, ainda, por permitir vazar o grito de liberdade, através da expressão literária, impraticáveis – expressão e liberdade – no seio do sistema colonial com o compromisso de edificar homem/terra através do discurso atravessado apelo social, e, ao mesmo tempo, político.

Referências

- ANDRADE, Mário. *Antologia de poesia africana: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá d Costa, 1976.
- APA, Livia. *Poesia africana de língua portuguesa: antologia*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.
- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros. Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- CARRILHO, Júlio. *Como se o mundo não tivesse Leste*. Lisboa: Veja, 1992.
- CÉSAR, Amândio. *Contos Portugueses do ultramar – Vol. 4: Moçambique*. Porto: Portucalense, 1980.
- CRISTÓVAO, Fernando. *Da lusitanidade à lusofonia*. Coimbra: Almedina, 2008.
- DÖPCKE, Wolfgang. *Crises e reconstruções – estudos afro-brasileiros, africanos e asiáticos*. Brasília: Linha Gráfica, 1998.
- FERNANDES, Margarido. *África subsaariana*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2001.
- FERREIRA, António Manuel. *Pelos mares da língua portuguesa 3*. Aveiro: Universidade 2017.
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Vendas Novas: Biblioteca Breve, 1980.
- FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989.
- FURÉ, Rogélio A. Martinez. *Pequeno Tarikh – apuntes para un dicionário de poetas africanos*. Cuba: Editorial Arte e Literatura, 2014.
- HAMILTON, Russel. *Literatura africana, literatura necessária*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- LARANJEIRA, Pires. *Revista de Estudos literários, 5*. Coimbra: Centro de Literatura portuguesa, 2015.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998.
- LOPES, Nei. *Dicionário Literário Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- BOAHEN, Albert Adu. *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas africanas de língua portuguesa*. Lisboa: Regra do Jogo, 1987.
- MATA, Inocência. *A casa dos estudantes do Império e o lugar da literatura na conscientização política*. Lisboa: UCCLA, 2015.
- MAZRUI, Ali A; WONDJI, Christophe. *História Geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 1999.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha mamana África*. São Paulo: Edições e poeiza, 1987.
- MONTEIRO, Manuel Rui. *Entre mim e o nômade – a flor*. In: *Teses Angolanas*. Lisboa: Edições 70- União dos escritores angolanos, 1981, pp. 29-34.
- MORALES, Laura López. *Literatura francófona: III África*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- PAZ, Octavio. *O arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- REIS, Livia. *Conversas ao Sul – Ensaios sobre literatura e cultura latino-americana*. Niterói: Editora da UFF, 2009.
- REIS, Livia. *Estudos & pesquisas – fronteiras do literário*. Niterói: Editora da UFF, 1997.

RICCIARDI, Giovanni. *Sociologia da Literatura*. Men Martins: Europa América, 1971.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *A Narrativa Africana de expressão oral*: transcrita em português. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa;

SAÚTE, Nelson. *Nunca mais é sábado* – Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

SAÚTE, Nelson. *As mãos dos pretos – antologia do conto moçambicano*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

XAVIER, Lola Geraldés. *Literaturas africanas em português: uma introdução*. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2017.

Edimilson Moreira Rodrigues

Doutor em Estudos da Literatura pela Universidade Federal do Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil; professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Bernardo, MA, Brasil.

Paulo Henrique Carvalho dos Santos

Graduado em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Bernardo, MA, Brasil.

Endereço para correspondência

Edimilson Moreira Rodrigues / Paulo Henrique Carvalho dos Santos

Universidade Federal do Maranhão
Campus São Bernardo
Rua Projetada, s/n
Perímetro urbano, 65550-000
São Bernardo, MA, Brasil.